# O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18. n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ..... | 4$000 | 2$.00 | -$- | -$- |
| Estrangeiro (união geral dos correios) . | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 188

11 DE MARÇO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

S. A. R. A INFANTA D. MARIA ANNA, FALLECIDA A 5 DE FEVEREIRO DE 1883

(Segundo uma photographia)


BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

PROPRIEDADE DO MUNICIPIO DE LISBOA

120

# CHRONICA OCCIDENTAL

Esta chronica devia ser um *Te-Deum*. O caso não é para menos.

Depois de um longo periodo de esterilidade litteraria e musical, Lisboa a indolente, deu-nos já n'esta epocha theatral duas operas originaes portuguezas, uma opera lyrica no theatro de S. Carlos a *Lauriana* do sr. Augusto Machado, e uma opera comica na Trindade a *Noiva* do sr. Freitas Gazul; tres peças originaes em D. Maria, as *Nadadoras* de Fernando Caldeira, a *Noiva* do sr. Lopes de Mendonça, e a *Flôr dos Trigaes*, do sr. Augusto de Lacerda.

E ás horas em que escrevemos, o Gymnasio apura já uma comedia original em 3 actos do sr. Moura Cabral, que deve representar-se brevemente no beneficio do sr. Valle, um dos nossos mais notaveis actores comicos, prepara-se outro original para entrar logo em seguida em ensaios no mesmo theatro, a empreza do theatro de D. Maria ouviu ler e acceitou um original em 5 actos do sr. Marcellino de Mesquista, no theatro de S. Carlos falla-se em pôr em scena na proxima epocha uma nova opera do sr. visconde do Arneiro, *D. Bibas*, feita sobre um libretto extrahido do *Bobo* de Alexandre Herculano, e os jornaes annunciam, que o sr. Augusto Machado está trabalhando já n'uma nova opera com o titulo de *D. Jayme*, que o sr. Freitas Gazul compõe uma opera, tendo por assumpto o *Fr. Luiz de Souza* de Garrett, e que o sr. Antonio Duarte está terminando uma opera em que se falla ha tempo e que se intitula *Catahulpa*.

Digam-nos se este movimento theatral parece de Lisboa, e se não é caso para entoar louvores a Deus, para recitar o *Te-Deum laudamus?*

Das peças portuguezas de Fernando Caldeira e de Lopes de Mendonça fallámos já largamente; da comedia estreia do sr. Augusto de Lacerda nada dissemos porque a não vimos nunca, mas affiançam-nos que se não foi um successo ruidoso, foi uma estreia auspiciosa, para um rapaz muito novo, intelligente e sympathico, que debuta no theatro com uma comedia n'um acto, *coupe* theatral por Garrett reputada mais difficil, e em verso.

Das duas operas portuguezas, não fallámos d'uma, da *Noiva*, porque um luto doloroso nos impediu de a ouvirmos, quando ella se deu com um bello successo de applausos e de grandes receitas; da outra, da *Lauriana* que teve agora um exito colossal e merecido no theatro de S. Carlos, faremos o assumpto principal da nossa chronica de hoje.

Deante d'uma obra de arte a critica em absoluto não tem senão uma coisa a fazer; — apreciar-a imparcialmente, isolando-a completamente do seu auctor, do meio em que foi produzida, e de todas as circumstancias favoraveis ou desfavoraveis que presidiram á sua confecção.

N'uma opera, n'um drama, n'um livro, ou n'um quadro, a critica em absoluto não tem nada que ver com as condições em que o auctor executou a sua obra, seja elle um mestre consumado ou um debutante, tivesse todos os elementos necessarios para acabar demoradamente, minuciosamente essa obra, ou fosse obrigado, por mil circumstancias fortuitas, a fazel-a á pressa, sobre o joelho, em menos tempo do que os grandes auctores gastam para a esboçar apenas, a critica tem o direito de pôr tudo isso de parte, e de ver na obra de arte simplesmente a obra de arte.

Entretanto ao lado d'esta critica absoluta, e que raras vezes se faz, ha a critica relativa, critica muito mais justa e equitativa, que aprecia a obra de arte, não isoladamente, pelo que ella vale, mas attendendo tambem a todas as circumstancias, que constituiram a sua producção, e procurando pela obra apreciar o auctor e dar sobre elle o seu *veredictum*.

Esta critica essencialmente relativa é a critica dos contemporaneos, é sobre tudo a critica dos conterraneos, é a que se deve exercer perante as obras produzidas ao nosso lado, quasi debaixó dos nossos olhos, critica que não mira a classificar definitivamente uma obra, mas sim a apreciar um artista.

N'esta critica é necessario portanto fazer um duplo trabalho e apreciar a obra em relação ás leis do Bello, que dirigiu a analyse artistica, e ao mesmo tempo apreciál-a em relação ás condições individuaes e particulares, em que seu auctor a executou.

Não se fazendo assim, a critica severa e absoluta póde ser justa muitas vezes para com a obra, mas é a maior parte d'ellas injustissima para com o artista.

É claro que applicar á obra d'um auctor novo o mesmo criterio severo e frio, que se applica á obra d'um artista consumado, que além de viver nos grandes meios artisticos, tem a mão já assente por uma immensidade de trabalhos e o talento amadurecido por um grande numero de annos de experiencia e de estudo, é profundamente injusto; e mesmo se por acaso isso é uma boa critica, é com certeza ao mesmo tempo uma má acção.

E busquemos exemplos no theatro que é onde elles são mais frizantes, no fim de contas. Toda a gente sabe a differença enorme que existe entre o auctor dramatico em França e o auctor dramatico em Portugal.

Primeiro que tudo o meio em que vivem.

Na sociedade franceza, complexa, enorme, tumultuosa, original, ruidosa, cosmopolita, os assumptos vem em turbilhão ao encontro do auctor dramatico, que só tem *l'embarras du choix*.

Em Portugal, uma sociedade pacata, pequena, insipida, vazia de acontecimentos, moldada em parodia da sociedade parisiense, o dramaturgo tem de procurar laboriosamente os assumptos, e a maior parte das vezes de invental-os.

Alli ha uma enorme galeria de typos e de casos; basta photographal-os de passagem: aqui é preciso crear esses casos e esses typos.

Em seguida, depois da extensa exposição de modelos que o dramaturgo tem para copiar os seus personagens, ha uma longa fila de artistas para realisarem nos theatros essas copias.

Em Lisboa, nem ha os modelos, nem ha essa enorme multidão de artistas para os reproduzirem. Os modelos são limitadissimos e limitadissimo o numero de actores para quem se escreve.

Depois, em Paris a peça de menos successo rende mais ao seu auctor, que o maior successo de Lisboa, não falando nos direitos de auctor em que não ha relação alguma, basta notar o numero de representações.

Citemos ao acaso. Em 1882 o Odeon teve duas quedas — o Amhra, drama em 5 actos em verso, e *Mon Fils* em 3 actos.

Nem uma nem outra d'estas peças agradou, e entretanto a 1.ª teve 32 representações e a 2.ª 28.

Perguntem ao sr. Fernando Caldeira, e ao sr. Lopes de Mendonça quantas representações tiveram as *Nadadoras* e a *Noiva*, que foram dos maiores *successos* theatraes de peças originaes portuguezas!

Ora esta questão puramente commercial de peças, não é tão pouco importante para o merecimento litterario d'ellas, como geralmentes se julga.

É claro que quem tem talento e faz uma peça por dez tostões, hade fazel-a fatalmente muito melhor, que um tolo a faria por dez contos de réis, mas o que é tambem clarissimo é que desde o momento que uma peça rende ao auctor cinco, seis ou oito contos de réis, esse auctor póde gastar, um, dois um tres annos, a pensar, a escrever, a remanejar, a aperfeiçoar uma peça, emquanto que quanto ellas rendem nos melhores dos casos trinta ou quarenta libras, o auctor, se não fôr millionario, não lhe póde dar mais de que um ou dois mezes de trabalho. E ninguem me provará que, dadas as mesmas condições de talento, uma peça pensada e executada durante um anno, não seja muito melhor, que a escripta a correr durante um mez.

Ainda mais, além de tudo isto em França, o auctor de uma peça manda em soberano no theatro, emquanto ella se ensaia, escripturam-se artistas expressamente á sua escolha, para desempenhar os papeis, que os da companhia não poderem realisar completamente: tem ao seu dispor os *costumiers* e os scenographos, é elle quem ensaia as peças, quem dirige a interpretação dos artistas, a unica voz que em summa se ouve no theatro; a peça só é representada quando o auctor a acha em estado de ser apresentada ao publico.

Em Lisboa não acontece nada d'isto, o auctor é recebido por favor no theatro, tem que se arremediar com os artistas escripturados, ordinariamente com as scenas feitas, e a mobilia existente, a sua voz é pouco ou nada ouvida, e por ultimo a peça tem antecipadamente marcada a sua primeira representação, e hade representar se fatalmente n'esse dia.

E depois de tudo isto será justa, será equitativa a critica que aprecie uma peça original portugueza, como uma peça qualquer dos mais gloriosos auctores francezes, sem tomar em conta todas estas circumstancias?

Creio piamente que não.

E o que se dá a respeito da peça, dá-se a respeito do livro, da opera e do quadro.

Deante da *Lauriana*, a opera do maestro portuguez Augusto Machado, toda a critica de Lisboa usou d'este duplo processo.

A critica absoluta, que na obra de arte, só vê a obra de arte independentemente de todos os elementos constituitivos da sua producção, encontrou na *Lauriana* muitas coisas que applaudir sem reserva, numerosos trechos magnificas, que em qualquer das operas mais justamente afamadas seriam trechos de primeira ordem, como por exemplo o arioso de Bois Doré, a Villanella de Lauriana, a musica dos bailados, a orchestração da scena da Buena Dicha, a *aubade* do tenor, a aria de Lauriana no ultimo acto, o septimino final do primeiro acto. e por ventura outros que me não occorrem, e trechos verdadeiramente, incondicionalmente bellos que firmados por algum dos nomes mais gloriosos do mundo musical, seriam sempre dignos do maior applauso.

E passando d'essa critica absoluta á critica relativa, se esses trechos fariam um successo a uma opera de auctor consumando, fizeram e com toda a justiça um triumpho colossal, á opera estreia de um maestro que principia, que está no alvorescer da vida e que já dá como promessas, bellezas eguaes áquellas que os maestros já feitos nos dão como fructo sasunado de larga experiencia e glorioso tirocinio.

As tres representações que até agora tem tido a *Lauriana*, tem sido tres noites de ovação triumphal para Augusto Machado.

Todo o publico, toda a critica, todos os professores de musica, os amadores mais distinctos, os artistas estrangeiros mais illustres que estão em Lisboa, prestaram a Augusto Machado, homenagem excepcional de consideração e de admiração, que se um talento collosal e uma obra notabilissima, teem o condão de provocar.

E' coisa rara entre nós, todos os entendedores de arte, todos os criticos illustres foram unanimes nos louvores a Augusto Machado, e nem seguer uma voz auctorisada trouxe a nota discordante a esse hossana triumphal.

E o successo de *Lauriana* não foi só um sucesso perante a critica, foi um successo perante o publico, as suas tres representações tem sido enchentes completas como só as grandes operas consagradas dão ao theatro de S. Carlos.

Exito em toda a linha, exito glorioso que tem feito da *Lauriana* um acontecimento dos mais notaveis da arte portugueza n'estes ultimos annos, exito para que concorreram com uma boa vontade excepcional, que nunca será louvada de mais, e com um talento que já todos lhes reconheciam se os illuttres artistas italianos, que se encarregaram do desempenho da opera.

N'aquella noite de festa para Machado e para Portugal, não se sabia o que applaudir mais em Borghi-Mâmo, em Mantelli, em Devoyod, em Ortissi, em Rapp, se o bello desempenho que davam aos seus papeis, se a alegria radiante que se lia nos olhos de todos elles, ao ver triumphar áquella opera de um portuguez, opera em que elles tinham empenhado todo o seu talento, toda a sua arte, todo o seu querer.

Como portuguezes tinnamos vontade de os abraçar a todos, commovidos pelo interesse que elles tomavam n'uma victoria nossa, como espectadores cobrimol-os de applausos, pelas maravilhas de execução, maravilhas em que se distinguiram Borghi-Mâmo, explendida de talento, e de graciosidade em toda a opera, Devoyod, que foi em todo o seu papel o cantor e o comediante consumado, que temos victoriado sempre, Mantelli, que foi deliciosa na sua creação, a mais notavel que tem feito em S. Carlos, Rapp distincto e primoroso em toda a opera, Ortisi magnifico nos dois primeiros actos.

E depois, applausos ruidosos ao maestro Dalmau que empenhou todo o seu zelo e toda a sua alta sciencia musical em ensaiar a opera, á orchestra que a executou primorosamente, ao emprezario o sr Valdez, que a poz em scena com toda a boa vontade e com toda a intelligencia de emprezario habil e conhecedor, que reconheceu logo n'essa opera um *successo* theatral.

A *Lauriana* foi para todos e por todos, um triumpho excepcional, e nós felicitamos a todos maestro, executantes e emprezario, agradecendo-lhes enthusiasmados esse triumpho, que foi um triumpho nacional.

Vae excepcionalmente longa esta chonica, o que se comprehende desde o momento em que se occupa de um facto excepcional. Não nos resta espaço para tratar dos outros assumptos da semana, entre os quaes avulta um acontecimento tristissimo, o desabamento das ruinas da egreja do Hospital de S. José, desabamento que anniquilou quatro vidas.

Lamentamol-o profundamente, e n'outra secção o OCCIDENTE o historía em breve noticia.

*Gervasio Lobato.*

# AS NOSSAS GRAVURAS

## A S SR.ª INFANTA D. MARIA ANNA

No dia 5 de fevereiro passado, ás 10 horas da noite, fallecia no seu palacio de Dresde a S. Sr.ª infanta de Portugal, D. Maria Anna, a primeira das filhas de S. M. a rainha a sr.ª D. Maria II, e de S. M. el-rei o sr. D Fernando.

Dotada de todas as perfeições corporaes, educada com o esmero que aquelles augustos soberanos empregaram para com seus filhos, e ornada de todas as graças do espirito, candura de alma e ternura de coração que fazem da mulher o primor da creação, a infanta D. Maria Anna depois de ter enchido o paço das Necessidades com a singeleza da sua juventude, foi animar o palacio de Dresde com os sorrisos da esposa e os encantos de mãe.

Havendo nascido a 21 de julho de 1843, não tinha ainda completado 16 annos, quando a 11 de maio de 1859 deu a mão de esposa ao principe Frederico Augusto Jorge Luiz Guilherme da casa real da Saxonia, realisando-se a cerimonia nupcial na capella real do mesmo paço das Necessidades, que a vira nascer.

A graça e mansidão da infanta contrastava notavelmente com o aspecto serio, e os habitos militares do principe seu esposo, mas por mais duro e secco que o homem pareça, jámais elle podera deixar de se ameigar perante tantos encantos reunidos.

Do seu consorcio teve a princeza 6 filhos dos quaes o 1.º, a princeza Mathilde Maria, completa a 19 do corrente mez 21 annos; o 2.º, o principe Frederico Augusto, faz no dia 25 de maio proximo 19 annos; o 3.º, a princeza Maria Josepha, no dia 31 do mesmo mez completa 17; o 4.º, o principe João Jorge, no dia 10 de julho completa 16; o 5.º, o principe Maximiliano Guilherme, faz 14 a 17 de novembro; e o 6.º, o principe Alberto Carlos, concluiu no dia 25 de fevereiro ultimo os seus 9 annos. A infanta D. Maria Anna tinha uma alma verdadeiramente portugueza, e decerto no meio do viver marcial da Saxonia e das bellezas severas do seu novo paiz, devia recordar-se com verdadeira *saudade* da sua familia, do seu Tejo, da sua Cintra, do Oceano que bate as nossas costas, e do sol que banha as veigas e os alcantis do seu paiz natal, que ella não tornou a ver.

O seu grande prazer era receber as visitas dos portuguezes, que lhe falavam a harmoniosa lingua da sua infancia.

Com sua irmã, a S. Sr.ª infanta D. Antonia, entretinha frequente correspondencia na sua lingua natural, para se não esquecer d'ella, como dizia.

Luctando com a morte, que lhe queria roubar um filho, venceu o combate, mas, salvando a vida do filho, cahiu ella pouco depois prostrada no leito da morte.

Filha, esposa e mãe modelo honremos a sua memoria, e lancemos sobre a sua sepultura algumas flôres, orvalhadas pelas lagrimas dos que sabem sentir.

## EUGENIO ROUHER

Tarde começará a posteridade para este, incontestavelmente, grande homem de estado, porque os juizos que os contemporaneos fazem d'elle, ainda á beira da sepultura sabem todos a uma grande parcialidade, filha da paixão partidaria.

Fóra de todas essas vistas interessadas, daremos apenas um resumo biographico do homem que sub-dirigiu durante annos os destinos d'essa grande nação que se chama a França, e era hoje o chefe do partido napoleonico.

Nasceu Rouher em Riom, no antigo Auvergne, hoje departamento de Puy de Dôme a 30 de novembro de 1814. Tinha pouco mais de 20 annos quando abriu banca de advogado, tornando-se logo notavel n'esta carreira. Guizot, reconhecendo os seus raros dotes e conhecimentos, protegeu a sua candidatura a deputado em 1846, mas ainda então não poude alcançar a cadeira. Mas em seguida á revolução de fevereiro de 1848, o seu departamento elegeu-o deputado á assembléa constituinte. A sua actividade, o seu calor meridional, a sua competencia em assumptos financeiros, grangearam-lhe em breve logar eminente na camara. Algum tempo depois o conde de Morny que havia estado de guarnição em Riom e tinha relações com o pae do joven deputado, introduzia-o na sociedade elevada, e apreciando os seus grandes meritos, apresentava-o a Luiz Napoleão.

Apesar de sua grande actividade, e de conservar em Paris os seus habitos provincianos, levantando-se ás 5 horas da manhã e deitando-se ás 10 da noite, Rouher era inimigo do movimento, respondendo a quem lhe aconselhava o exercicio: «Eu não fui feito para andar, mas para falar; o cavallo anda, o homem pensa.» — Durante todo o dia Rouher trabalhava no corpo legislativo, ou na sua secretaria quando ministro, ou no seu gabinete quando advogado.

Havia pouco mais de um anno que se assentára na camara legislativa e já o seu talento o chamára á cadeira de ministro da pasta da justiça, quando Odilon-Barrot, a resignou em outubro de 1849. A equidade, espirito de ordem que demonstrou então como *guarda sellos*, grangearam-lhe renome e popularidade entre amigos e adversarios. Conservou-se Rouher no ministerio até 24 de janeiro de 1851, em que deu a demissão, por causa da questão do general Changarnier. Durante esse periodo é notavel o seu discurso na sessão de 8 de julho de 1850, no qual qualificou de catastrophe a revolução de 1848. Coisa notavel, Luiz Napoleão que alcançára o poder d'essa revolução, sympathisou com o arrojo d'aquelle discurso, e desde então concedeu para sempre o seu favor e affeição ao ministro.

Chamado de novo ao ministerio em abril de 1852, largou a pasta a 24 de outubro. Estando fóra do ministerio deu Luiz Napoleão o golpe de estado de 2 de dezembro, com o qual póz na cabeça a corôa imperial. Hoje diz-se muita coisa a este respeito, que não é exacta; a verdade é que quando Luiz Napoleão foi eleito presidente da republica, os francezes escrevendo de certo modo o numero dos votos d'essa eleição em um papel transparente e cortando-o ao meio por um braço vertical e olhando para elle, em posição invertida, contra a luz, liam n'elle *Napoleon empereur*. Esta coincidencia de escripta percorreu a França e a Europa.

Rouher, foi ouvido para o golpe de estado, mas não quiz associar-se ás consequencias arbitrarias de acto tão arbitrario; apesar d'isso, os seus serviços não podiam dispensar-se e foi logo em seguida chamado ao ministerio, que deixou a 24 de janeiro de 1853 por não querer approvar a confiscação dos bens da casa de Orleans; redigiu porém a chamada constituição ou carta de 1852.

Sahido do ministerio, foi nomeado vice-presidente do conselho de estado, cargo que conservou até 1855, em que foi nomeado ministro do commercio, agricultura e obras. É este o periodo mais importante, mais sympathico, e mais admiravel d'este infatigavel trabalhador. Os oito annos do seu ministerio, assignalados pelos tratados de commercio, considerados como o codigo moderno da livre troca, de 1860 com a Inglaterra, de 1861 com a Belgica, de 1863 com a Italia, foram a grande alavanca que fez desenvolver a industria e o commercio da França, elevando-o áquelle grau de prosperidade, que nem a expedição do Mexico, da China, da Cochinchina, da Crimea e da Italia poderam prejudicar, e com a qual poude, mais que com os seus exercitos, sustentar-se nos dias de provação de 1870.

As luctas que, como secretario da livre-troca e como defensor das emprezas do imperio, teve que sustentar nas camaras contra Thiers, Julio Fabre, Emilio Ollivier, e sobre tudo contra Pouyer-Quartier, o grande polemista, mais proteccionista que a propria protecção, são notaveis.

Deixando o ministerio a 23 de junho de 1863 pela presidencia do conselho de estado, voltou a elle, mas como primeiro ministro a 18 de outubro seguinte pelo fallecimento de Billaut. Desde então até 20 de julho de 1869, foi um instrumento fidelissimo de Napoleão III, ainda nas coisas em que divergia da opinião de seu amo.

Combateu energicamente o advento de Emilio Ollivier, o unico homem a quem tinha odio, e talvez com razão, porque foi nas suas mãos que o imperio morreu.

Durante este ultimo periodo um qualquer pamphletario deu a Rouher o titulo de *vice-imperador*.

Em 1870, por occasião da questão diplomatica promovida com a Prussia, relativa á candidatura de um principe de Hohensollern ao throno de Hespanha, de um extremo a outro da França só se ouvia um grito: *a Berlim, a Berlim!* A voz de Thiers que se oppunha a esta tentativa era abafada, e o estadista apupado.

As consequencias são conhecidas de todos. A França vencida, insultou Rouher, quando partiu para Inglaterra, e depois no seu regresso foi mais além, pois não só Thiers o mandou prender, mas a populaça rasgou-o, feriu-o, e teria feito mais se a policia o não protegesse. Esquecia os grandes beneficios devidos ao talento do ministro.

Rouher em 1871 propoz-se candidato a deputado pela *Charente inferior*, mas foi vencido; em 1872 porém a Corsega confiou-lhe o seu mandato. Rouher ao principio conservou silencio, mas quando o duque d'Audriffet-Pasquier pronunciou a sua grande catilinaria contra o imperio, o antigo ministro tomando de assalto a tribuna, apesar de se achar só alli, falou tres dias successivos, no primeiro improviso atrevido e vehemente, no segundo oração razoada, no terceiro apaixonada, commovendo a assembléa, composta de quatrocentos adversarios, apesar dos protestos ruidosos, das interrupções apaixonadas da esquerda e da direita. Este monumental discurso é digno do homem que luctou com Pouyer-Quartier.

Depois d'isso Rouher conservou-se como chefe do seu partido, tendo desapprovado a ida do principe imperial á Zuzulandia onde as azagaias dos zulus lhe acabaram a vida e deram um golpe mortal no partido.

No trato intimo Rouher era frio e reservado sem que deixasse de conversar e de contar e ouvir anecdotas e de soltar o seu epigramma.

A 3 de fevereiro ultimo falleceu este homem de estado na sua cása, rua da Bienfaisance, em Paris.

## PELOURINHO DE AGUIAR DA BEIRA

Aguiar da Beira é uma pobre e antiquissima villa de 235 fogos, sita nos contrafortes orientaes da serra agreste da Lapa. Pertence ao districto administrativo da Guarda e faz parte da comarca de Trancoso. É cabeça de concelho, dignidade que tem sabido conservar desde tempos anteriores ao nosso primeiro rei. A mãe d'este, D. Thereza, havia-lhe dado foral, confirmado em 1220 por Affonso II, em Santarem, e reformado mais tarde por Affonso III.

Ao tempo da fundação da monarchia, já Aguiar da Beira tinha castello, provavelmente romano, mais tarde reedificado e melhorado por D. Diniz. D. Manuel deu-lhe ainda um novo foral.

No centro proximamente da villa, ha uma pequena praça, irregular e accidentada, em cuja face occidental se ostenta um antigo poço, quadrado e massiço, muito curioso, que deve ser evo de D. Diniz, o qual tem insculpidas as armas de Portugal e é corôado superiormente por um terraço com ameias, servindo de *praça* ao miserrimo edificio dos Paços do Concelho. Junto a este, ergue-se pesada e severa a torre do relogio, tambem filha, como parece, do benemerito impulso do *monarcha lavrador*. Ao meio, o pelourinho, que a estampa representa, negro, adusto, esboroado implacavelmente pelos seculos na sua granitica robustez.

Remonta esta curiosa antiqualha á epocha de D. João I, e é notavel pela circumstancia de ter a singela cupula apenas sustentada por um columnello ao centro e outro lateral, com um annel a meio do seu comprimento. Parece á primeira vista que os outros sete supportes tenham sido talvez derruidos pela furia das tempestades, ou pela não menos destruidora brutalidade dos homens; mas um exame conscienciozo faz vêr que não, e que o pelourinho nunca desde a sua construcção teve mais.

A villa, que tem exposição ao nascente, é muito saudavel, abundante de aguas magnificas, mas pobre e falha de recursos: tres casas bôas, ao todo; poucas ruas empedradas; producção de milho, batata e legumes; porém nem uma vinha, nem quasi nenhum castanheiro.

Foi dos condes de Vimioso e passou depois para a casa do Infantado.

Junto ao logar de Sismelro, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora do Mosteiro, houve um convento de freiras *bentas*, parte das quaes Almançor fez martyrisar em 985, levando captivas as restantes, que foram ao depois remidas no sanguinolento e celebre combate da *Veiga da Matança*.

Por essa occasião, diz-se que desappareceu a famosa imagem de Nossa Senhora da Lapa, que era do convento, e que em 1498 uma rapariga muda, pastoreando o seu gado, veiu a achar nas pedras onde havia permanecido escondida 513 annos. Milagre!

Fez-se-lhe immediatamente no mesmo sitio a capella, á qual se addiccionou mais tarde um convento que primeiro foi dado aos *companhias* (jesuitas), e depois passou para o bispo de Vizeu. N'essa poetica ermida, motivo de concorridissimas peregrinações annuaes, ainda hoje podem admirar-se uns tantos anachronismos de decoração e de sculptura, ingenuamente ridiculos e encantadores: no altar da esquerda, agonisa em leito á moderna um S. José, vestindo uma camisa de dormir cortada pelo padrão da de qualquer burguez actual; sobre o altar-mór, um menino Jesus adorna-se galhardamente com um genuino vestuario á Luiz XV.

Impagavel simplicidade aldeã!

*Abel Acacio.*

# CAMINHO DE FERRO DO DOURO

(Continuado do n.º 184)

Passado o apeadeiro da Livração, encontra-se a grande ponte viaducto do Tamega, á qual dão accesso duas avenidas, uma de 27 metros e outra de 20. A ponte tem 304m,33 de extensão e a altura maxima de 56 metros. É formada por cinco tramos, um central de 56,48 de abertura, dois de 56,0 e outros dois de 45,975. As fundações acham-se á profundidade de 11,18. Os pilares, egualmente de ferro, assentam em pedestaes de cantaria, de que se dispenderam 14:000 metros, sendo 2:200 em alicerces e 11:800 em elevação. A structura metalica, foi fornecida e assente pela casa Eiffel & C.ª O custo d'esta ponte elevou-se a 172:966$518 réis.

A esta importante obra de arte succedem-se com pequenos intervallos, dois tunneis.

O primeiro, denominado da Gabiarra, que parte em linha curva de 400 metros de raio, tem 257,m67 de extensão, é totalmente revestido de abobada e pés direitos de alvenaria de fiada e tem valletas lateraes. Importou em 40:086$084.

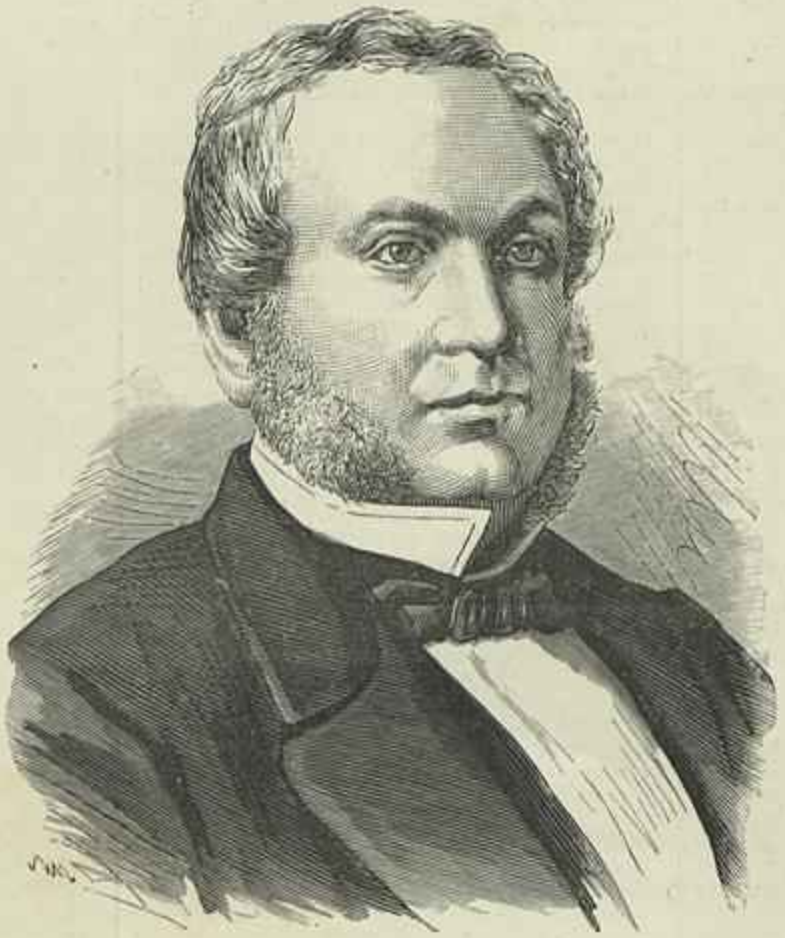
O segundo, chamado da Campainha, construido em curva de 300 metros de raio, tem 227m,34 de comprimento, sendo tambem todo revestido de abobada. Os pés direitos não se acham revestidos na extensão de 43 metros lineares, sendo os restantes revestidos de alvenaria de fiada. Não tem valletas, em consequencia do tunnel ser bastante secco. O seu custo foi de 32:032$892 réis.

Sahindo-se d'este tunnel, que fica a 1 kilometro de distancia da estação do Marco, a via principia a subir para a divisoria do Tamega, pela margem esquerda do rio Gallinhas.

A estação do Marco, de 3.ª classe, está á direita, achando-se a povoação a cerca de dois kilometros de distancia.

A villa de Canavezes fica a distancia de 2 kilometros do Marco, nome que lhe provem de um marco de pedra situado no interior do logar, junto á casa da camara, e que servia para demarcar os limites de diversas freguezias.

A distancia de dois kilometros do Marco, approximadamente, estão os falados penedos de Aliviada, ou Alviada, por baixo dos quaes corre occultamente o rio Ovelha. O povo superstitioso crê que essas sombrias penedias albergam legiões de demonios, correndo a esse respeito pelo vulgo contos e lendas de um tetricismo apavorador.



EUGENIO ROUHER — FALLECIDO EM 3 DE FEVEREIRO DE 1884

Tanto para o historiador, como para o archeologo, o concelho do Marco de Canavezes encerra monumentos curiosos.

São elles, por exemplo; a antiga ponte sobre o Tamega, que se diz remontar á dominação romana e que foi reconstruida pela rainha D. Mafalda; a egreja de Santa Maria de Sobre Tamega, fundada pela mesma rainha; a albergaria situada na freguezia de S. Nicolau, obra da mesma piedosa princeza; as campas abertas em rocha viva, existentes no Monte das Campas, proximo ás Caldas de Canavezes; as egrejas de Santo André de Varzea de Ovelha e do mosteiro de S. Salvador de Taboado, conservando este ultimo ainda um bello portico gothico, as ruinas de uma mesquita que existiu na freguezia da Senhora de Freixo, e os solares de varias familias illustres portuguezas.

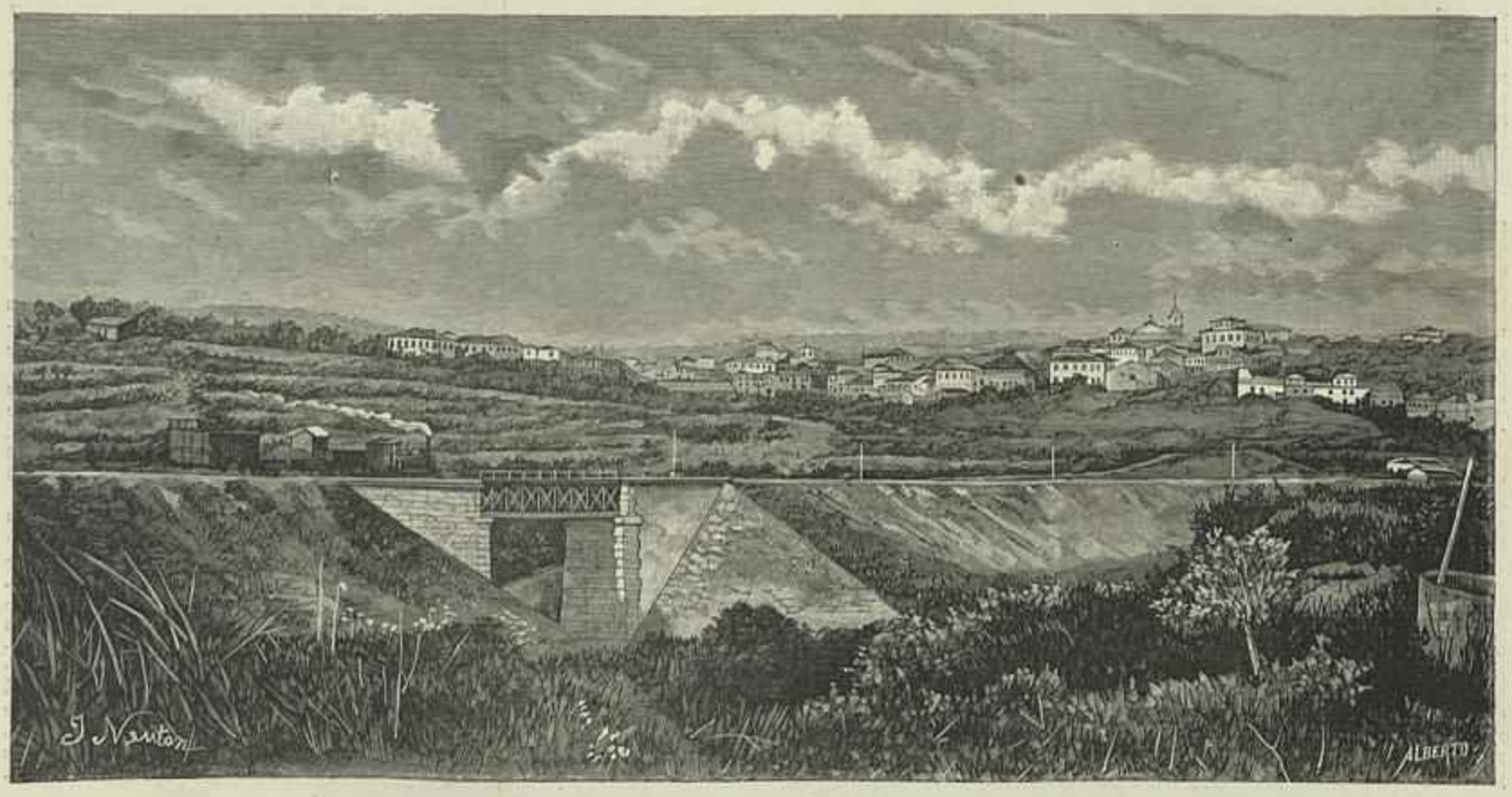
Em S. João da Talhada dizem existir jazigos de enxofre que ainda não foram explorados.

Foi em Canavezes que se ajustaram as pazes da guerra travada entre D. Pedro I e seu pae D. Affonso VI, depois da morte de D. Ignez de Castro, achando-se o primeiro d'aquelles principes na referida villa e o segundo em Guimarães.

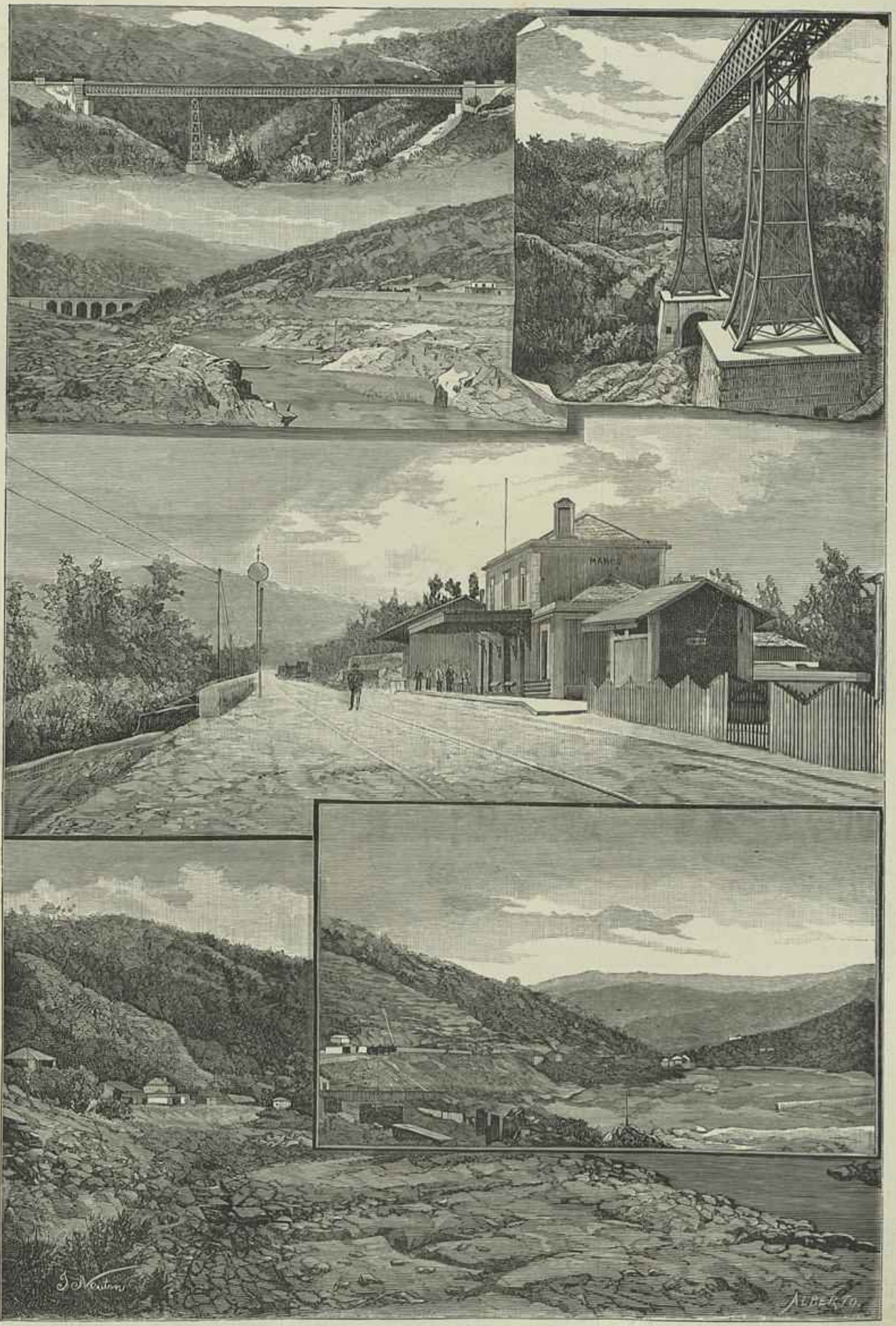
Da estação do Marco faz-se a jornada para Amarante com mais rapidez, em consequencia da estrada seguir uma pendente suave, em vez do perfil accidentado que se encontra na estrada que parte de Villa Meã e que vae ao alto de Pidre. A economia de tempo é de 1 hora, mas a difficuldade que o viajante póde encontrar para preferir aquella direcção, é a falta de transporte commodo no Marco.

A linha ferrea continúa a subir, chegando-se á estação do Juncal, de 3.ª classe, situada á direita, havendo n'ella um reservatorio para a alimentação de machinas.

Logo que se deixa a estação entra-se no tunnel dos Encambalados, o maior das linhas ferreas portuguezas, e que atravessa a cumiada da cordilheira em que se acha comprehendida a serra do Marão.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — PONTE DE JUGUEIROS NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO (Segundo uma photographia de Biel)



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Viaducto das Quebradas — Estação de Aregos — Viaducto da Palla — Estação do Marco
Estação da Ermida — Estação de Moledo, no Caminho de Ferro do Douro (Segundo uma photographia de Biel)

O tunnel tem 1.621m,31 de extensão, havendo-se aberto para elle, quatro poços com a profundidade de 193m,31. É totalmente revestido de abobada. Na extensão de 1.431m,30, os pés direiros são revestidos de alvenaria de fiada, e nos restantes 190 metros, de alvenaria irregular. O tunnel não tem valletas, apezar da muita agua que se encontra principalmente nos primeiros 140 metros, por se haverem julgado inuteis, attendendo ás circumstancias da obra, cujo custo total foi de réis 379:571$220.

O pavimento do tunnel é sempre em descida, para attingir a margem do Douro, e á sahida d'elle defronta-se com uma paizagem de aspectos variados, em consequencia das elevações do solo, cortadas por despenhadeiros profundos, que são vencidos por aterros e viaductos construidos a 40 e 50 metros de altura.

O primeiro que se encontra depois do tunnel, é o viaducto metalico das Quebradas, com a extensão de 157m,58, formado por tres tramos, um dos quaes, o central tem 50 metros, sendo os dois restantes de 40. cada um. Os pilares são egualmente de ferro, com embasamentos de alvenaria, achando-se as fundações a 3m,20 de profundidade. A altura maxima do viaducto é de 44m, 20 e n'elle empregaram-se 3:160 metros de alvenaria, sendo 660 nos alicerces e 2:500 em elevação.

Esta obra de arte importou em 64:317$432 réis sendo a parte metalica fornecida pela casa Cail & C.ª de Paris.

Atravessada em seguida uma pequena trincheira, o viajante depara de subito, com um espectaculo tão novo como surprehente. Entra no valle do Douro.

No fundo serpeia por entre o fraguedo o rio Douro, cujo aspecto, no verão, mal fará adivinhar as caudalosas torrentes que no inverno se alastram e precipitam terrivelmente, arrastando na furia da sua impetuosidade tudo quanto lhe estorve o seu curso.

Os barcos *rabellos*, tão caracteristicos pela sua construcção como pela vella quadrada que os guarnece, deslisam umas vezes impellidos pela força dos remos, outras arrastados por um cabo que de terra é puxado trabalhosamente, por ficiras de tripulantes, quando não são juntas de bois que em certos sitios lhes evitam essa fadiga.

Em alguns pontos do rio, n'uma e na outra margem apparecem aqui os pequenos portos onde se reunem os barcos; alli os caes em que se agglomeram as rumas de pipas que transportam o precioso licor creado nas fragosidades d'aquella região batida amplamente pelos ardentes calores do verão.

De vez em vez a vista amenisa-se com o aspecto gentil das povoações que debruçadas sobre o rio ou assentes nas encostas dos montes cortados em successivos socalcos, alegram sobre modo os aspectos d'aquelle quadro magestoso, a que põem apenas uns tons lugubres os rochedos monstruosos que de longe em longe se destacam no verde compacto das extensas vinhas.

A linha ferrea segue sempre a margem direita do rio, deslisando-se em zig-zags continuos pelas anfractuasidades das encostas, permittindo as curvas e contracurvas que se succedem a cada passo, avistar-se por vezes, extensos lanços da via.

Depois do viaducto das Quebradas, apparece o da Palla, uma construcção mixta elangantissima.

Tem 193m,72 de comprimento e a altura maxima de 52m,50, sendo de quatro o numero dos tramos, dos quaes dois de 50 metros e outros dois de 40. Os pilares, como os do viaducto das Quebradas, são metalicos com embasamentas e alvenaria. As fundações acham-se a 21m,45 de profundidade e a alvenaria empregada n'esta obra foi apenas de 57 metros, 25 nos alicerces e 32 em elevação. A parte metalica construiu-a a mesma casa Cail & C.ª, sendo o custo de toda a obra 98:710$762 réis.

Nos dois viaductos descriptos ha tambem contra-carris de segurança.

O terceiro, que se encontra logo adeante é o viaducto de Ovil, de pedra, com a extensão de 123m,80 e formado por cinco arcos de 15 metros de abertura. A sua altura é de 42m,65 metros, tendo-se empregado n'esta construcção 1:240 metros da alvenaria em fundações, que teem a profundidade de 4m,70, e 5:990 em elevação. o que prefaz o total de 7:410 metros.

O viaducto, que importou em 63:170$018 réis, acha-se construido em uma curva de 300 metros de raio.

N'este percurso da linha veem-se do lado de lá do rio, na encosta ou serra, a villa de Sinfães e na margem direita as povoações da Balla e do Porto Manso, onde as tripulações descançam das fadigas da perigosa travessia dos pontos mais difficeis.

A estação de Mosteirô, de 3.ª classe, á erquerda da linha, dá accesso a Baião e a Ancede, onde se admiram as ruinas gothicas da egreja do antigo mosteiro e a Sinfães, na outra margem, por meio de uma barca de passagem.

Entre esta estação e a de Arêjos, acha-se o viaducto do Laranjal. A sua extensão é de 130m,80, sendo formado por seis arcos de 15 metros de abertura. Tem 25m,40 de altura, achando-se as fundações a 7m,55 de profundidade As alvenarias que se empregaram foram 6:680 metros, dos quaes 1:600 em fundações e 5:080 em elevação. O encontro n.º 1 e os pilares n.ºs 1 e 2 assentam sobre estacaria, que nos dois primeiros apoios desce a 14 metros. Importou esta obra de arte em réis 63:170$018.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

## O CENTENARIO
DA
# INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA
E O SEU INVENTOR
### PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO
(Continuado do n.º 187)

Hoje não damos nós, filhos de outras epocas, com outras idéas, outros habitos, outra maneira de ver as coisas, a importancia devida a tão improbo e fatigante trabalho, mas o grande e habil politico que assim o descreveu, e julgou ser esse um dos mais importantes serviços que prestou ao paiz, deixa-nos avaliar este serviço de seu irmão, e conhecer a confiança que n'elle depositava o rei, e a fidelidade de que elle era dotado.

Estava Bartholomeu Lourenço no auge do seu valimento. Desfructava uma posição importante na côrte, a confiança do soberano era o justo galardão dos seus trabalhos, o convivio e respeito dos sabios e eruditos, o verdadeiro premio dos seus talentos.

O rei que impetrava para si o titulo de fidelissimo, se o era quanto aos exteriores da religião, não o era quanto á sua essencia. Jejuaria talvez sempre que o jejum era prescripto pelos mandamentos da Santa Madre Igreja, mas não se eximia de transgredir o 9.º dos mandamentos da lei de Deus, profanando o recato das esposas do Senhor.

O desembargador João Marques Bacalhau e o proprio Camões do Rocio, o doutor Caetano José da Silva Sotto Maior, rondavam os conventos das freiras e cahiam com todo o rigor das leis sobre os infelizes que violavam os preceitos da clausura, mas para vigiar as violações do rei não havia magistrados.

A inquisição deitava o harpeo aos miseros que haviam cubiçado as tenras cordeiras do Senhor, mas as tenazes não se apertavam quando o delinquente era D. João V; até a linguagem dos inquisidores quando se referiam ás fraquezas de S. M. tomava uma expressão respeitosa e muito velada.

Apesar de Sotto Maior, do Bacalhau, e da inquisição, a frequencia ás grades dos conventos era constante. Grandes, padres, frades, ministros, nobres, poetas e litteratos cursavam as palestras das grades, e despendiam grossas quantias com as suas conversadas, e se arruinavam por ellas, como hoje o fazem muitos pelas *loureiras*, e as mais sacerdotisas de Baal, e como não seria assim, se os aposentos da celebre madre Paula, a adorada de D. João V, no Convento de Odivellas, eram o esboço de um harem asiatico, eram qual um ninho de fadas.

Havia então por esse tempo um escrivão João Corrêa de Sousa, que tinha cinco irmãs, que parece terem sido um pouco folgadas de costumes. D. Marianna de Sousa uma d'ellas era a amante reconhecida do infante D. Francisco, as outras quatro eram religiosas, duas no convento de Sant'Anna D. Antonia e D. Paula, e duas no de Odivellas D. Luiza e D. Barbara.

O rei e o infante frequentavam o convento de Odivellas, e é muito natural que se vissem alli com as tres irmãs D. Marianna, D. Luiza e D Barbara. Em alguma d'essas occasiões teve el-rei ensejo de ver a celebre D. Paula, e, deslumbrado pelas graças de tão bella esposa do Senhor, fez todos os esforços para a possuir.

Pelas relações do infante com D. Marianna, valeu-se da intercessão das duas freiras, irmãs d'esta, para chegar ao paraizo. Desde então as visitas do monarcha a Odivellas eram quasi diarias. O aposento de D. Paula foi mobilado como o de qualquer favorita da corte de Luiz XV, e talvez mais voluptuosamente, e entre as caricias da bellissima soror, se desenfadava o monarcha dos cuidados do governo.

D. Paula vivia na maior intimidade e amisade com as tres irmãs que haviam sido causa, senão de ella subir ao throno, ao menos de vir o throno depôr-se-lhe aos pés; quanto tempo durou esta harmonia não o sabemos, tambem ignoramos o que a quebrou.

É certo porém que pelo meado de 1724 as relações de D. Paula com as duas religiosas estavam interrompidas, e até com sua irmã D. Marianna, a amante do infante D. Francisco, e esta prohibida por el-rei de ir ao convento de Odivellas.

Deve-se imaginar quanto isto custaria ás tres irmãs, e o certo é que estas communicaram o seu pezar ás outras duas, D. Antonia e D. Paula, freiras em Sant'Anna.

A devassidão deu sempre as mãos á superstição e é de crer que assim como os ladrões faziam festas aos santos quando eram bem succedidos nas suas emprezas, as religiosas não deixariam de alumiar muitos cotos a varios santos para restabelecerem a harmonia e amisade entre a amante do rei e a do infante e suas irmãs.

Os santos, porém, foram surdos a esses pedidos e então foi mister apellar para as feiticeiras e homens de virtude. O processo pois para esta ultima tentativa começou a elaborar-se no convento de Sant'Anna.

Havia certo tempo que em Sant'Anna tinha travado relações com as duas religiosas uma D. Antonia Maria da Fonseca. Esta mulher que tinha 38 annos era casada com Francisco de Sousa da Fonseca, capitão de infanteria, natural de Estremoz, e a esse tempo servindo de capitão mór em Benguella. Começara havia algum tempo a soffrer varios incommodos de saude, e como elles não minorassem, segundo ella disse, entrou a desconfiar seriam feitiços que lhe houvessem feito em Africa, para que, ou ella morresse, ou seu marido a aborrecesse.

Tinha esta mulher uma amiga intima D. Maria Thereza de Mello, viuvinha muito fresca de 24 annos de edade, de genio folgasão, amiga de tangeres e folguedos, e que não perdia ensejo de quebrar a tristeza e a solidão da viuvez. Contando pois um dia D. Antonia á sua amiga D. Maria Thereza os males que a affligiam e a sua crença de que eram feitiços, disse-lhe a creada d'esta, Bernarda, que era de Alcacer do Sal, que em Beja havia uma feiticeira muito entendida em taes assumptos. Em vista d'esta declaração resolveram se a ir fazer a sua viagem para consultarem a feiticeira.

Havendo D. Antonia ido por esse tempo ao convento de Sant'Anna, foi-lhe contado pelas duas irmãs D Paula e D. Antonia, a grande afflicção em que estavam pela desavença que havia entre certas pessoas, e lhe pediram que visse se encontrava alguem que lhe arranjasse as pazes entre essas pessoas, que lh'a levasse lá, ou então que lhe tratassem d'isso, gastasse-se fosse o que fosse. Além d'isso, D. Paula, pediu-lhe tambem que visse se lhe arranjava meio de que *ella podesse estar quando quizesse, com certo religioso, sem que fossem vistos de ninguem.*

D. Antonia tudo prometteu e no principio de agosto partiu para Aldeia Gallega em companhia de D. Maria Thereza e da criada; d'aqui endireitaram a Sebutal onde D. Maria Thereza, que conhecia o juiz Jeronymo de Cetem, lhe rogou lhe arranjasse transporte para Alcacer do Sal, onde se dirigiram.

Chegadas ahi alojaram-se em uma estalagem, e então a criada Bernarda foi com a ama procurar uma Catharina Salema, a quem disseram o a que iam, e como esta se escusasse, dizendo que não tinha merecimentos para taes casos, hospedaram-se então em casa de uma filha d'esta, por nome Brites Maria. Estas indicaram-lhe então uma Isabel da Natividade, moradora d'alli perto de uma legua, nas Moutas, a qual tinha experiencia d'estes assumptos.

No dia seguinte, fingindo que iam visitar um convento, onde D. Maria Thereza dizia que tinha um irmão e queria metter um filho, encaminharam-se com outra filha da Catharina Salema, chamada Clara ao logar das Moutas. Dirigindo-se á velha Isabel da Natividade lhe disseram: D. Maria que queria que ella lhe obtivesse um livro que lhe désse poder de tanger e cantar para se tornar desejada, e fazer com que um certo Patricio Pires, que a frequentára, voltasse a sua casa, e bem assim que o juiz dos orphãos lhe consentisse a venda de uma propriedade; D. Antonia queria saber a causa dos seus soffrimentos, pedia remedios para elles, e tambem que ella lhe procurasse maneira de se fazerem as pazes entre certas pessoas que andavam desavindas, podendo gastar o que fosse preciso. A velha Isabel escusou-se quanto poude, ou porque na realidade não usasse

do officio, ou porque o quizesse fazer valer mais; afinal sempre resolveu que escreveria a outra mulher muito entendida de Santarem, visto ser fallecido um bruxo notavel que houvera no Torrão.

(Continúa) *Brito Rebello.*

## A CHAVENA DA CHINA

Bébé fazia annos n'esse dia, e cada um dos velhos amigos que chegava, ia depondo sobre as jardineiras, como brinde, alguma delicada bugiganga. De tudo havia um pouco. Ramilhetes de rozas e camelias com sonetilhos a oiro e vermelho sobre setim perola; bocetas de mil formatos atochadas de pastilhos e docinhos perfumados; maravilhosas bonecas de tomanho de senhoras, com verdadeiros cabellos, verdadeiros olhos, e vestidos de cauda polvilhadas de rendas e colibris; chapeus de palha cobertos d'aereas plumas; castellos de faia com guerreiros, cathedraes d'onde sahiam procissões ao toque dos sinos, pequenos palacios com mobilias e baterias de cosinha, cavallos, rebanhos, barcos, carruagens de molas, um nunca acabar d'invenções que rejuvenesciam a vista e faziam bater o coraçao.

Nunca ella se vira tão acariciada e feliz! Desde que o papá subira a ministro, a casa soffrera o mais completo reviramento. Tinha sido renovada a mobilia toda, a familia descera do terceiro para o primeiro andar do predio, davam-se chás com doce e lustres acesos; e pela primeira vez a mamã rojava á sua vontade pelas alcatifas novas, n'um grande tom, as caudas de damasco dos vestidos de recepção.

Depois, tão curioso estudar como os amigos eram assiduos noite e dia, e centoplicavam de numero e de sorrisos! Se o ministro, ao saltar do coupé, apanhava uma bronchite, logo elles iam por toda a banda com gestos afflictos — então os senhores não sabem? Que será do paiz! Sua excellencia não faz senão dar espirros!...

E quando sua excellencia vinha inteiramente fresco e bem disposto, com a barba bem nitida e uma rosa na sobrecasaca, elles todos curvados, faziam protestos de fidelidade, diziam a sua afflicção por fazel-o de cama... este corria a fechar a janella não se constipasse mais sua excellencia, aquelle conduzia-o pelo braço a um *fauteuil* por traz do biombo amarello, outro enterrava-lhe o barrete de lontra até ás orelhas, emquanto o mais entendido ia aconselhando vinte e cinco gottas de aconito em agua morna, ao deitar. E agora, nos annos da bébé, alli estavam elles todos encasacados, com o cabello lustroso de cosmeticos, as mãos prenhes de bençãos, as fallas n'uma afinação de theatro, tomando as attitudes que melhor convinham ao seu temperamento dramatico, fazendo tudo por conservar-se no raio visual de sua excellencia, indo e vindo com modos cavalheiros, e pouzando á volta da pequenina como um bando de corvos sobre alguma pomba colhida de improviso. Um convidado entrara sem espalhafato, todo envergonhado seu fato no fio, vergando aos annos e cheio de uma melancholia grave no olhar. Era o mestre de piano da bébé, velho triste, fraco de pernas, calado, tremulo, habitado por monomanias poeticas, com ingenuidades de creança e crendices de camponez. Elle foi-se escorregando na sala por traz dos convivas em evidencia, cumprimentou duas ou tres pessoas sem ninguem corresponder á sua humilde cortezia; e de cabeça baixa, lenço azul entre os joelhos, as magras pernas abstractas bamboleando lentamente, foi sentar-se a um canto, todo alheio á magnificencia do salão e aos vestuarios das senhoras. Fôra rico antes de *trinta e quatro*, a guerra civil confiscara-lhe a familia e riquezas, e sósinho, cheio de privações, era organista da freguezia passava de trinta annos. Inda elle se não tinha assentado, já os grandes olhos pretos da creança davam com o velho amigo seu camarada e companheiro, porque os extremos da edade em que se viam, punham nos espiritos de ambos, velho e creança, uma unidade de gostos e sentimentos, religiões, gulodices, sympathias, interesses, que estreitavam apaixonadamente, cada vez mais, o laço d'amor que os congratulara a ambos. Bébé instalou-se logo nos joelhos do velho organista, tendo, dizia ella, uma multidão de coizas para lhe contar. E desapertava um grande sacco de bon-bons para elle comer, que foi tirando a um e um delicadamente, e com os seus deditos mais finos que os estames d'um lyrio, metia-lh'os na bocca com os desvelos de mamã:

— Anda, come, anda... vencendo-lhe o acanhamento de mastigar na presença d'aquella brilhante sociedade, elle, um velho organista sem dentes, trazendo nos hombros uma velha casaca no fio, de mais a mais. Entabolaram conversa logo. O que tinha elle feito aquelles dois dias? A gata estava creando dois gatinhos muito assanhados, já tinham dentes e um pello sedoso que daria bem um regalo para aquecer as mãos do seu mestre de piano, sempre tão frias! Elle recusava, sorrindo e desculpando-se: — os homens não usam regalos.

— Mas sim, usam, quero eu, ora isto!

Então mostrava-se desvanecida com os presentes d'amor, as cathedraes de faia branca, as grandes bonecas que diziam mamã, os cavallitos puchando omnibos cheios de passageiros — e assim foram deixando o tumulto da sala, onde uma senhora cantava engasgando as notas; e esgueiraram-se pelo corredor até á casa de jantar. A cosinheira fez tomar um caldo ao velho organista, a avósinha vasou-lhe tres dedos de Madeira n'um calice; e alli estiveram as tres creanças permutando o melhor das suas confidencias, opiniões, receios — se o tempo viesse a mudar, já se não faziam canjas como antigamente, os capotes de baetão eram uma necessidade d'inverno... — E alargados nas memorias d'outro tempo, fallaram das velhas arias de Cimarosa, os minuetes em voga nos bailes da Bemposta, e os panicos das guerras miguelinas, de que a bébé por signal se não recordava já.

O velho levou vagarosamente as mãos ao bolso da casaca, tendo um riso manhoso nos olhos com que fitava a pequenina discipula. Immediatamente um cão por que ninguem tinha dado, cão d'agua gigantesco d'estatura, grande cabeça negra n'um grande corpo branco, olhos obliquos de china, focinho energico e orelha farta, metteu-se na conversa agitando a cauda magnifica.

— Singular! Singular! fez o velho organista comsigo, parando de rir. Eu tinha deixado *Mandarim* fechado em caza. Como veio elle aqui parar? — e porque se amedrontava d'aquelle grande cão, elle chamou-a aos seus joelhos, apresentou-a ao animal com todas as minucias da etiqueta, e restabeleceu a harmonia tornando-os amigos.

— Mas porque me não fallaste tu n'elle ha mais tempo? Disse a creança com ciume. Ingrato!

E o velho professor desculpava-se confusamente. Tirára do bolso um cofresinho de xarão, exotimente doirado, e todo comido de velhice nos cantos. E aberto, viu-se uma taça de procellana casca de ovo, meuda e symetricamente *crequelli*, tão pequenina, tão pequenina, que antes se diria o bebedoiro de um pintasilgo. O velho pegou-lhe com dois dedos, n'um ceremonial commovido: era uma peça admiravel, mais fina que o papel transparente e sem pezo, com figurinhas microscopicas de relevo, nitidas, vivas, desfillando á volta do bojo n'uma patuscada de rabichos, dalmaticas côr de gemma de ovo, pontes phantasticas, e arvores e flores de não sei que flora impossivel, A aza simullava um dragão de azas vermelhas, vermiculado de oiro, apoiando garras no rebordo, e ouriçando a cauda n'uma serie de escamas que difficilmente alguem contaria a olho nu. O velho tinha erguido aquella preciosa peça sem rival, e com os seus dedos tremulos e os seus olhos babosos, fazia notar por detalhe, n'uma encia de collecionador, as figurinhas esculpidas a microscopio, as variegadas côres que tinham a graça nitida de uma illuminura, a expressiva mimica de cada feição, ironia dos olhos, e acabada belleza de mãos e pés, que mal podiam vêr-se de resumidos que eram. Mais que nenhum outro espectador, o cão seguia a descripção do thesouro assim unico — e ninguem vira além do velho — dos seus olhos perlavam lagrimas. De repente, porém, fez o organista um movimento surprezo, balbuciando: — Singular! Singular!

(Continúa) *Fialho de Almeida.*

## RESENHA NOTICIOSA

Desabamento e mortes. Não são raros, infelizmente, os casos de imprevidencia, na exploração de pedreiras e saibreiras, nos reparos e construcção de casas, e até na demolição de edificios. Que um acaso inesperado e imprevinivel cause alguma victima, é lamentavel, mas a nossa consciencia não se sente abalada ou indignada; mas que os desastres se succedam por causa da sordidez e estulticia dos mestres e empreiteiros, é aquillo contra que se revolta o nosso animo, porque, desgraçadamente, succedem e succederão taes desastres, emquanto uma lei energica não impuzer a responsabilidade d'elles a alguem. Tratava-se de demolir a antiga egreja de Santo Antão, meia derrocada desde o terremoto de 1755, a administração do Hospital convidára um engenheiro, já conhecido, para dirigir essas obras; mas um mestre de obras, João Sequeira, farejando lucro na obra, apresentou uma proposta para a tomar de empreitada; foi acceita, impondo-se-lhe as condições necessarias, entre as quaes se incluia a de estabelecer certos andaimes para a execução da obra. Houve, quanto a nós, o esquecimento de exarar uma condição (inserta em todos os contratos de obras publicas), de não poder elle começar o trabalho sem terem sido verificadas as disposições para o executar pelo respectivo engenheiro. O facto é que João Sequeira começou o trabalho sem estabelecer os andaimes, e um pedaço de abobada de tijolo, caindo sobre a de cantaria da egreja, fez desabar esta em superficie de cem metros quadradros aproximadamente, esmagando quatro operarios, Domingos Luiz, Antonio Marques, Manuel Monteiro dos Santos Torrão, e José Paulo, o mais novo de 18 annos e o mais velho de 60. A cantaria, que era finissima, ficou estragada tambem. E andam sempre ahi a quebrar a cabeça com as empreitadas; a peor praga que póde aparecer em obras publicas, são os empreiteiros. A proposito vem dizer que n'aquella igreja havia um soberbo tumulo, onde estavam os restos de não nos lembra que personagem importante. Este tumulo foi vendido ha tempos, ao que parece, havendo primeiro sido offerecido á Commissão que procurou os ossos de Camões, para guarda dos restos mortaes do grande poeta!.....

Contra os estrangeiros. Foi apresentado á Camara dos Estados Unidos um projecto de lei prohibindo aos estrangeiros adquirirem bens de raiz no territorio da grande republica. Aquillo é que é a verdadeira interpretação da liberdade, egualdade e fraternidade dos povos.

Giordano Bruno. É esta uma nova opera, representada ha pouco com um certo exito no theatro *Dal Verme*, em Milão. A musica é do maestro Adelelmo Bartolucci, que teve, infelizmente, a vencer a difficuldade de um pessimo libreto, de auctor, cujo nome nem sequer se sabe. Foram applaudidos alguns trechos, o que não é difficil n'aquelle theatro, mas nomeadamente o tercetto de tenor e soprano no 3.º acto. Ora o tenor é o nosso compatriota Antonio d'Andrade, e o soprano é a gentil e sympathica *signorita* Busi, que se houveram perfeitamente na execução da opera, desempenhada, aliás, muito bem por todos.

Carruagens reaes. No estabelecimento do Cavalheiro Cesar Sala, de Milão, foram construidas duas carruagens para s.s. m.m. os Reis de Portugal D. Luiz e D. Maria Pia, encommendadas por esta augusta senhora na sua ultima viagem. São dois magnificos *char-a-bancs*, um com 12, outro com 9 logares, montados *à pincettes* com duas *mécaniques*, solidissimas. Tem cinco luzes, um grande baldaquim de tirar e pôr, com cortinas para resguardo de chuva e de vento. São envernisadas de azul, com filetes de prata, e cobertas inteiramente de marroquim azul guarnecido de metal branco, com as armas de Portugal e Saboia, coroa real, firma, etc.

Toda a perfeição d'estes magnificos artefastos consiste na boa direcção das linhas, grande commodidade, e no conjunto que é de uma solidez e leveza extraordinarias, como se requer para trens de campo. Segundo o periodico italiano, onde encontrámos esta noticia, tudo é perfeito, esquisito, elegante e distincto n'estes dois trens, sendo certo que por maior reputação que tenha qualquer estabelecimento estrangeiro, d'aquelle genero, nenhum poderia ter excedido a perfeição, riqueza, bom arranjo e bom gosto, de que prova o cav. Sala n'este trabalho.

Estas carruagens já foram remettidas de Milão para Genova, afim de serem enviadas para Portugal.

Tito Vezio. É o titulo de uma nova opera levada á scena no theatro *Argentina* de Roma em primeira recita ha um mez. Tem certa monotonia a musica, mas revela uma grande cultura musical, mostrando que o maestro Giovannini, é da estofa dos verdadeiros compositores. Entre os trechos mais distinctos, notam-se os dois bellos preludios de 1.º e do 4.º acto, um coro no 2.º acto. Assim o dizem os periodicos de Italia.

Exposição de arte antiga. Houve o mez passado no palacio Chigi, em Roma, uma exposição publica dos objectos de arte antiga, que deviam ser postos á venda, desgraçadamente diz um periodico italiano, em poucos dias. Constava a exposição de quatro salas cheias de armas offensivas e defensivas, de estofos, maiolicas italianas e hispano-arabes, moveis entalhados, e tauxiados, bellamente dispostos, e bem illustrados em um catalogo que se destribuia aos visitantes.

Dizia o *Diritto* no interesse da arte e do decoro da Italia, façamos votos porque os melhores exemplares das varias collecções fiquem entre nos e não emigrem para engrandecer a colheita dos museus, ou dos colleccionistas de Paris e Londres.

Não é só por cá o vandalismo. Tambem nós te-

mos visto os livros e até os documentos officiaes, que se tem vendido em leilão irem para Hespanha, França, Inglaterra, Allemanha e Brazil, e ficarem as nossas bibliothecas, e a Torre do Tombo e as secretarias com faltas, mas *de minis non curat...*

Exposição de aguarellas. A sociedade dos aguarelistas de Roma, inaugurou no meado do mez passado a sua exposição annual, no primeiro andar do palacio das Bellas Artes, na via Nazionale. Como de costume esta exposição encerra trabalhos notaveis.

Monumento a Victor Manuel. No concurso aberto para a apresentação de um projecto de monumento ao primeiro rei de Italia, não foi julgado sufficiente nenhum dos projectos enviados á commissão, para obter o premio de cincoenta mil libras ou nove contos de réis. Como porém appareceram alguns projectos muito dignos de attenção, com quanto não satisfizessem completamente, a commissão resolveu devidir as cincoenta mil liras restantes em dois grupos de premios: o 1.º para os projectos julgados de merito superior e susceptiveis de execução com algumas modificações, o 2.º para aquelles que não são susceptiveis de execução, mas merecedores de um premio de incitamento. Assim foram adjudicados tres premios de dez mil liras cada um aos srs. Conte Sacconi, architecto em Roma, por 15 votos, a Manfredi de Placenzia, por 13 votos, e a Smith, architecto de Ussendorf (Allemanha) por 12; no 2.º grupo foram adjudicados quatro premios de cinco mil liras cada um ao professor Azzolini, de Bolonha, a Boffi, architecto de Roma, e aos srs. Piacentini e Ferrari. Ainda a commissão deliberou conceder aos auctores dos projectos do 1.º grupo uma ajuda de custo de cinco a seis mil liras para que estes possam ser melhorados segundo as indicações da commissão.

Josefina Gallmeyer. A morte d'esta distinctissima e bellissima actriz austriaca, succedida no principio de fevereiro, causou profunda sensação em Vienna. Os periodicos, especialmente os do dia 5, occupavam-se todos da celebre atriz. Apesar de ter ganho muito dinheiro, e de estar na força da edade e do talento, e de ser estimadissima, morreu em pouco risonhas circumstancias. Antes de fallecer exprimiu o desejo de que o seu sahimento fosse o mais modesto possivel, e que a lançassem á vala commum. De feito, no dia 5 por dedicação de amigos fieis, celebrou-se este triste transito, em forma modesta é verdade, mas com solemnidade regia, sendo acompanhada á sua ultima morada por centenares de pessoas, entre as quaes, damas e cavalheiros representantes das mais altas classes viennenses, e até das proprias legações extrangeiras. Foi o ultimo, mas triste, triumpho da grande actriz. Parecia um dia de luto nacional.

Pelourinho de Aguiar da Beira (Segundo o desenho do natural por Abel Acacio)

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Grand rabais. *Catalogo de varios livros francezes de litteratura, viagens, obras illustradas, philosophia, educação e ensino, bellas-artes, agricultura, sciencias mathematicas, medicina, etc., que se vendem com vantajoso abatimento na Livraria de Ernesto Chardron, Porto.* 4.º de 24 paginas a 2 columnas. Entre as numerosas obras mencionadas n'este catalogo, ha muitas da maxima importancia em todos os generos, e cujos preços são reduzidos consideravelmente, chegando em muitas a reducção á metade do seu custo primitivo

Miragens seculares, *por Theophilo Braga.— Lisboa, Nova Livraria Internacional, editora, 96, rua do Arsenal, 1884.* 8.º de XI—240 paginas. Com este volume, diz o auctor, fica realisado o pensamento de uma *Epopea cyclica da humanidade*, esboçado em 1864 na *Visão dos tempos* e *Tempestades sonoras*, proseguindo em 1865 na *Ordina do lago*, e em 1869 nas *Torrentes*. De todos estes trabalhos poeticos, apenas o primeiro conseguiu prender a attenção publica. Em cada volume dos posteriormente publicados, se via afrouxar a belleza poetica que animava muitos quadros do primeiro, apesar de alguns defeitos. Nas *Torrentes* appareceram umas frouxissimas tentativas dramaticas, e agora, nas *Miragens seculares*, raros são os trechos onde se percebe algum vigor poetico, e esses mesmos estão tão encobertos entre um cortejo de versos frouxos e mal fabricados, que mal se distinguem. Diz-nos o auctor: «Modernamente Victor Hugo, pela intuição do genio, veio da poesia insurreccional e romantica das *Odes*, das *Orientaes* e dos *Chatiments*, para a synthese historica da *Legende des Siècles;* porém, o seu vago espiritualismo christão, o fogoso radicalismo exacerbado pela rhetorica do estylo romantico e a incoherencia methaphysica de aspirações que se substituem ás ideas ou encobrem a sua deficiencia, não lhe deixaram seguir um plano fundamental, ficando assim fragmentarios na *Legende des Siècles* alguns elementos bem dignos de se encorporarem á epopeia definitiva.» Quem nos dera que na *epopeia* do sr. Theophilo Braga houvesse menos correcção no plano, mas que o estylo, verdadeiramente poetico, resgatasse esse defeito. Ha epopeias de plano mais correcto que os *Lusiadas*, mas o que eleva estes acima de muitas é o calor da phrase, a riqueza das tintas, o vigor do estylo.

Bulletin de la société académique franco-hispano-portugaise de Toulouse. Tomo IV—1883—n.º 4. Alem do extracto das actas, encerra este numero dois artigos interessantes: *La peine de mort*, pelo sr. A. Crouzel (1.ª parte); *Étude sur les colonies espagnoles*, por M. L. Delavaud.

Société académique franco-hispano-portugaise de Toulouse — *Statuts et Reglements.* Os Estatutos d'esta sociedade teem uma coisa notavel: conteem apenas nove artigos fundamentaes; as mais disposições estão consignadas nos Regulamentos. Entre nós, ordinariamente, segue-se um systema opposto: Estatutos muito compridos.

O Theatro das Creanças, por D. Maria Rita Chiappe Cadet, edição da livraria de madame Marie François Lallemant, Lisboa. É uma interessante collecção de pequenas comedias, proprias para serem desempenhadas por creanças As ultimas publicadas são: *As Fadas Improvisadas, Os Caprichos de Luizinho.*

A Vida das Flores. Estão publicados os fasciculos 21 e 22 d'esta esplendida edição da casa David Corazzi. As chromos d'estes fasciculos representam a Nymphea e o Girasol.

Viagem ás sete Maravilhas do Mundo, por L. Augé de Lussus, versão de Gualdino de Campos, illustrada com vinte e uma gravuras, Magalhães & Moniz, editores, Porto. A maior recommendação d'este livro está no seu titulo pela curiosidade que inspira, e se a isto accrescentarmos a belleza das descripções, estamos convencidos que todos que amam os bons livros farão acquisição d'este

Em Lisboa, vende-se no deposito David Corazzi, rua dos Retrozeiros, 153.

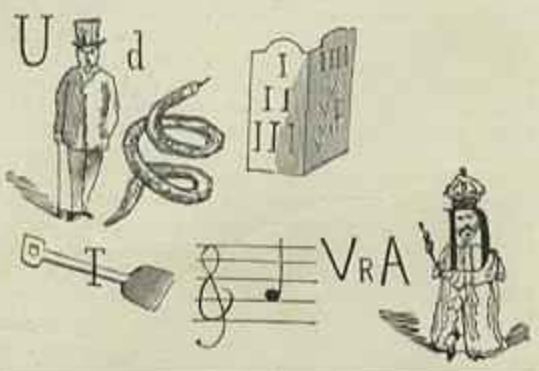
Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias, em 1883. É um elegante volume com que a bizarra empreza do *Diario de Noticias* costuma brindar todos os annos os seus assignantes. O d'este anno encerra oito contos differentes, firmados por nomes muito festejados nas lettras portuguezas.

Miguel Angelo. É o 3.º livrinho das *Biographias de Homens Celebres dos Tempos Antigos e Modernos*, publicadas pelo incansavel editor David Corazzi. O livro é illustrado com 6 gravuras.

A Formosura da Alma, por H. Peres Escrich, Bibliotheca do Cura de Aldeia, editora, Porto. 5.º vol. illustrado e ultimo d'este romance, que tem as grandes qualidades que distinguem os livros de Escrich, um dos auctores mais populares da Hespanha e que tem adquirido tanta nomeada em Portugal.

A Thomaz Augusto Soller, Homenagem á sua memoria pelo jornal «O Pantheon dos Pianistas». Esta publicação, como o seu titulo indica, é uma homenagem a Soller, o distincto artista que se finou prematuramente, quando o seu talento ostentava todo o brilho dos espiritos previligiados. Publica desenhos autographos de artistas e amadores de merecimento, e bellos artigos.

### ENYGMA




Explicação do logogripho do n.º antecedente: Liberdade.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa